

LOBÃO

Copyright © 2020, Lobão

© desta edição, 2020 Casa dos Mundos/Leya

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19.02.1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora e da autora.

EDITOR EXECUTIVO

Rodrigo de Almeida

PESQUISA

Alex Brum

PRODUÇÃO EDITORIAL

Anna Beatriz Seilhe

PREPARAÇÃO

Bárbara Anaissi

REVISÃO

Eduardo Carneiro e Silvia Baisch

DIAGRAMAÇÃO

Filigrana

CAPA

Kelson Spalato

IMAGEM DA CAPA

Miro/Top Magazine

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Lobão, 1957-

*60 anos a mil* / Lobão – São Paulo: LeYa, 2020.

272 p.

ISBN 978-85-7734-706-3

1. Lobão, 1957 – Biografia 2. Músicos de rock – Brasil – Biografia I.  
Título

19-2497

CDD 927.824166

Índices para catálogo sistemático:

1. Músicos de rock - Brasil - Biografia

Todos os direitos reservados à

EDITORA CASA DOS MUNDOS PRODUÇÃO EDITORIAL E GAMES

Rua Avanhandava, 133 | Cj 21

01306-001 – São Paulo/SP

À minha Regina amada.

# Nota do editor

Neste livro, decidimos manter o léxico e a sintaxe peculiares e autorais de Lobão. Não fosse assim, a fluidez e o ritmo do livro, tão originais, seriam perdidos.

# Nota do autor

Decidi configurar os capítulos escritos especialmente para este *60 anos a mil* de forma mais esquematizada do que os preparados há dez anos para a edição de *50 anos a mil*. Isso incluiu a apresentação das devidas datas abaixo da numeração dos capítulos e de intertítulos para expor melhor os temas explorados. Decidi manter aquele livro intacto por imaginar proporcionar, assim, uma sensação mais acentuada de mudança de tempo, a transformação do escritor e as diferenças entre o que foi escrito na primeira parte e agora, dez anos depois.

# Prólogo

Copyrighted image Últimos dez anos foram, sem a menor sombra de dúvida, os produtivos, criativos, dramáticos e felizes (até agora) da minha já tão atribulada vida.

Foram dez anos fecundíssimos, que me renderam cinco livros e meio (vá lá que esta nova edição da minha autobiografia valha meio), um DVD, quatro álbuns (um duplo) e mais dez singles. Isso tudo aconteceu num intervalo de exatos dez anos, se contarmos como o início desse ciclo o lançamento do *50 anos a mil*, em 2010.

Para quem estava imaginando uma vida mais introspectiva ao chegar a São Paulo, o destino me pregou uma peça. E, numa intensidade frenética, fui enredado numa série de aventuras, riscos, lutas, desafios, conquistas, encrencas, perdas e ganhos. Portanto, ainda não atingi meu estado búdico.

Para recuperar o fio da meada do relato desse momento atribuladíssimo da minha existência, vamos recapitular algumas passagens anteriores a esse período que considero importantes. Começemos, então, pela nossa chegada a São Paulo.

Estávamos em maio de 2008. Eu, Regina, Lampião, Maria Bonita e Dalila nos mudamos para São Paulo. Alugamos uma casinha numa rua sem saída, entre os bairros Pompeia e Sumaré, aconchegante, compacta, com uma edícula que transformei em estúdio, construindo um segundo andar, ficando o primeiro como escritório da Regina.

Na sala havia uma lareira convidativa, posta sofregamente em uso logo na noite em que chegamos, com uma São Paulo envolta numa frente fria de boas-vindas. Havia uma cozinha que também fazia o papel de sala e copa, com um pé-direito alto a exhibir as telhas e as vigas rústicas de madeira.

A primeira coisa que Regina fez foi enfileirar sua coleção de galinhas de cerâmica naquelas estupendas vigas, colocar nossos quadros e fotos nas paredes e, assim, deixar que nosso aconchego interno se espalhasse pelo novo lar.

Nosso quarto dava para a rua, e um jardim bem jeitoso nos fundos se estendia pelo quintal, para alegria dos gatos, que iriam se esbaldar com a nova selva.

Escolhemos esse lugar, dentre outros requisitos, por ser muito próximo aos estúdios da MTV, onde eu trabalharia nos dois anos seguintes. Tão perto da emissora que, por várias vezes, lanchava em casa durante os intervalos comerciais do *Debate MTV* (que era ao vivo!).

Meus planos naquela época eram parar a turnê do *Acústico MTV* (era difícil parar um show com demanda constante, e esses shows acústicos possuem, aqui no Brasil, uma espécie de mórbido apelo público) para formar uma banda paulista (a banda do *Acústico* era toda carioca), começar a compor material para um disco novo, mergulhar nos meus estudos de gravação no Pro Tools e adquirir alguns equipamentos necessários (comprei uma bateria Mapex Saturn Series e passei a praticar diariamente o instrumento, após uns vinte anos sem frequentá-lo, executando uma playlist de todos os meus discos de formação – em sua maioria, clássicos de 1971).

Tocar bateria de novo, ter meu instrumento nativo à mão, iria me dar uma motivação incrível em todos os setores da minha vida, uma vez que, sendo um baterista nato, tudo o que faço e penso passa primeiro pelo filtro da bateria: escrevo como baterista, penso como baterista, canto como baterista, toco guitarra, baixo e violão como baterista, amo como baterista.

Com o estúdio instalado e funcionando, minha atividade musical se expandiria muito. Comecei a ficar pelo menos umas dez horas por dia imerso no estúdio.

Iniciou-se, assim, um período durante o qual eu daria um salto definitivo em meu trabalho de produção musical, de composição, no

meu conhecimento do computador e no aprendizado de novos instrumentos.

Ficamos absolutamente inseridos na vida da cidade e nos parecia, num curtíssimo espaço de tempo, que morávamos em São Paulo desde criancinhas.

Nossa vida social se ampliou, nossos amigos nos visitavam com frequência e, me sentindo devidamente acolhido pela cidade, comecei a empreender um hábito que há muito imaginava vivenciar, um hábito decalcado num arroubo de nostalgia alheia, daquelas refeições épicas do Nelson Rodrigues.

Como no Rio esse hábito me saiu uma utopia, em São Paulo ansiava por pertencer a um grupo de amigos para almoçar, filosofando à mesa de um bar ou de um restaurante, e, assim, usufruir o transcendental espírito de comensalidade e camaradagem.

E foi assim que surgiu a nossa famigerada UDN gastronômica, nosso núcleo conspiracional, filosobólico, com meus queridos amigos Claudio Tognolli e Sérgio Malbergier, comparsas de conversas e talheres em nosso point semanal de eleição, o Spot, na alameda Ministro Rocha Azevedo, próximo à avenida Paulista.

A título de um maior esclarecimento sobre os eventos que ocorreriam na década seguinte, é de bom alvitre eu dar uma pequena esmiuçada em certos episódios anteriores à nossa chegada a São Paulo, pois, dessa forma, consigo expor uma imagem mais nítida dos fatos, uma vez que fui um tanto negligente com esses episódios na primeira parte da minha autobiografia.

## **O rito de passagem**

Já naqueles idos de 2008, todos haviam percebido que eu me tornara um opositor ferrenho do PT desde os episódios do mensalão, em 2005 (na verdade, antes disso)... Além da minha crescente irritação em perceber uma íntima relação de Luiz Inácio Lula da Silva com o então incipiente esboço de nanotirantias na América Latina, encarnadas no

bolivarianismo brega de Hugo Chávez, que não passava de um socialismo com buquê de banana.

Isso sem falar na área da cultura, quando, para meu espanto, havia percebido que, a partir da gestão de Gilberto Gil no Ministério da Cultura (MinC), a Lei Rouanet passara a beneficiar artistas consagrados, detentores de grande público, algo absolutamente fora de propósito – para não dizer obsceno.

Acabei por me tornar a primeira pessoa (o primeiro artista) a levantar essa lebre, apesar de passar muito tempo aturando gente me chamando de maluco, não havendo uma alma sequer a se escandalizar com aquela indecente obviedade. Mas seria por pouco tempo.

O setor cultural se incharia de proposições ideológicas em dimensões inéditas (e olha que basta reler as confissões de Nelson Rodrigues para perceber o perrengue doutrinário em que já vivíamos desde os anos 1960), fabricando monstrenhos na área da cena independente, como o Fora do Eixo (capitaneado por Pablo Capilé), e tendo no MinC (um feudo do PCdoB) uma espécie de quartel-general da Máfia do Dendê, naquele tempo sob a alcunha de Procure Saber.

Devido a essas amargas decepções, somadas à minha responsabilidade de ter apoiado o PT por mais de 11 anos, decidi, assim, pôr em prática minhas primeiras escaramuças opositoras.

### **100% *friendly fire***

O rito de passagem ocorreu numa festa do PT, em plena guerra do Iraque, em 2004, quando se falava muito sobre fogo amigo, por conta dos bombardeios involuntários dos aviões norte-americanos contra suas próprias tropas de infantaria em solo.

Confesso a vocês que, até aquele presente momento, jamais havia ouvido aquela expressão ambígua, traiçoeira, sonora, de uma dramaticidade quase cômica, que de imediato me estimulou a investir num projeto retaliativo (retaliação criativa e artística) baseado na minha síndrome de reordenação semântico-cognitiva (ainda vou falar

com mais detalhes sobre esse traço psicopatológico em um próximo capítulo).

O evento em questão era a festa de aniversário do *mui* simpático José Genoino. Sim! Nosso Genoino é daquelas criaturas que nos cativam instantaneamente com seu porte garboso, olhar mesmerizante, sorriso largo.

Pois bem, apesar de todo esse verdadeiro afeto que nutria (e ainda nutro) pelo José Genoino, havia de focar no intento macabro da minha ação, que era transformar aquela visita faceira, amistosa e fofa num rito de defecção, numa mensagem de ruptura, num atentado estético.

Para tal, deveria recorrer ao uso de alguma forma artilosa de comunicação visual, algo que, mesmo parado, hierático, silente ou mesmo a sorrir, pudesse emanar da minha pessoa sinais inequívocos de contestação e divergência através de alguma anedota gráfica.

Sendo assim, imaginei desenvolver sofisticada trama com minha indumentária, transformando minha superfície peitoral num outdoor.

Para isso, me dirigi à papelaria mais próxima e comprei um tubinho de tinta metálica prateada para tecidos. Em seguida, dei um pulo até o armarinho ao lado e adquiri uma camiseta preta da Hering.

E, transido de fervor terrorista, me sentindo um Lee Oswald do ornamento semiológico, escrevi na camiseta, em letras garrafais, os dizeres “100% *FRIENDLY FIRE*”.

Cheguei na tal festa acompanhado pela então senadora Heloisa Helena, ambos decepcionadérrimos com o PT, e eu lá, envergando impoluto a tal camiseta 100% *friendly fire*, no fervoroso intuito de *épater la gauche*, crente que estava causando um tremendo alvoroço. Para minha inteira decepção, caí das nuvens ao perceber que minha provocação gráfica era robustamente ignorada por aquela patota petista (militantes, sejam eles da esquerda, sejam da direita, são verdadeiros eunucos do humor).

Me dirigi ao Genoino com aquele friozinho na barriga que todo terrorista que se preze deve sentir antes de cometer seu atentado.

Ao me aproximar numa distância de um potencial abraço, e um tanto ansioso, proferi, traduzindo sem transição os dizeres que gritavam nervosos no peito estufado, para definir melhor o 100% *friendly fire* prateado escrito à mão: “Fogo amigo! Fogo amigo!”

Ele reagiu à mensagem me enviando um sorriso forjado por décadas de tarimba, no mais espesso e enigmático silêncio.

A piada não colou...

Decepcionadíssimo com a total ausência de metabolização do meu ato de terrorismo semiológico, dei uma piscada para a senadora (minha ternura por Heloisa Helena persiste até os dias de hoje) e fomos embora no mesmo táxi que nos levou ao evento.

## **Nasce o PMNFE!**

A segunda escaramuça opositora foi registrada através da campanha pela formação de um partido político, o PMNFE (Peidei Mas Não Fui Eu), com direito a camisetas e uma paródia do samba de Chico Buarque “O que será”, transformada no hino “Ó quem será que peidar”.

Fiz campanha do PMNFE por vários estados brasileiros, não sem certo desconforto em vergar uma camiseta (sou um tímido incorrigível) com aquelas letras garrafais gritando PEIDEI MAS NÃO FUI EU.

Fiz programas de TV, fiz o Jô Soares e, por incrível que pareça, a reação sempre era de aceitação, fofura e até de jocosidade.

Cheguei até a visitar o Estado-Maior das Forças Armadas, em Brasília, onde fui dar uma pequena palestra, envergando a tal camiseta, e, para minha total surpresa, mais uma vez fui recebido com imenso carinho.

Confesso que tive de extrair de dentro de mim toda concentração, estoicismo e disciplina para manter firme a cara de pau em aparecer no quartel-general das Forças Armadas, saindo da traseira de uma van, de calção, sandálias Havaianas e aquela camiseta.

E assim trajado aconteceu o inesperado: fui gentilmente convidado a passar em revista as tropas devidamente perfiladas diante de mim!

Apesar do meu espanto, causado por tanta honra (e pela civilidade) daquele convite, não me fiz de rogado. Incorporei instantaneamente meu militar interior e, em passos de marcha, fui retribuindo vigorosa e risonhamente a continência aos meus comandados, com minhas sandálias havaianas a percutir um sonoro slapt, slapt.

Cruzei toda a extensão do pelotão que, àquela altura do campeonato, me saudava repleto de esgares de riso contido (em virtude da rígida disciplina militar), ao vislumbrarem fascinados aquele sonoro Peidei Mas Não Fui Eu! cravado em minha camiseta.

Em seguida, me reuni com um grupo de militares especializados em telecomunicações, quando dei uma palestra sobre o assunto.

Com o sucesso que a camiseta fazia, cheguei a receber convites para inscrever a sigla e formar um partido, mas, como todos sabem, eu não suporto política.

## **O Saca-Rolha sai do ar**

Minha primeira experiência de retaliação de origem política na era PT foi a extinção sumária do *Saca-Rolha*, em pleno 2006. Um programa que estava obtendo uma aceitação carinhosa de um público cativo, quando a Rede 21 foi arrendada pela Gamecorp, recém-adquirida por um dos filhos do presidente, o Lulinha.

Em menos de três semanas de convívio com a nova equipe diretora do canal (isso implicava uma intimidade cotidiana, como habitar as mesmas salas, produzir salamaleques benevolentes e gestos de boas-vindas partidos de nós da equipe do programa à nova direção da emissora), nosso programinha bacana, de súbito, foi saído do ar sob alegação de que nós mostrávamos “nítidos sinais de descontentamento e intolerância com o governo do Lula”.

Como não poderia deixar de ser, todos nós envolvidos no programa achamos bizarra e descabida a tal retaliação, uma vez que, pela nossa percepção dos fatos, conseguíamos produzir um convívio bastante razoável, civilizado e democrático com os recém-chegados do Lulinha.

Naqueles tempos, ainda acreditava que vivíamos numa democracia, onde (teoricamente) poderíamos estufar o peito e declarar a plenos pulmões que tínhamos um presidente já claramente visto como um tremendo pilantra e que o PT já havia perdido aquela aura imaculada de partido baluarte da ética e da honestidade, se configurando célere para a inexorável pecha de ser uma das maiores quadrilhas que o Brasil já produzira.

No entanto, ingenuamente, não conseguia dimensionar o tamanho da enrascada em que estávamos metidos, muito menos o que o futuro nos reservava.

Já pelos idos de 2004/2005, havia claros sinais de aparelhamento de boa parte da mídia pela esquerda, que, em uma de suas primeiras escaramuças, batizava todos os órgãos ou jornalistas que não compartilhavam entusiasticamente os rumos e desígnios do governo pela não muito afetuosa sigla PIG (Partido da Imprensa Golpista).

Toda a mídia concebida como oficial, a mesma que nos dias de hoje é chamada de “extrema imprensa” pela extrema direita, quando produzia matérias com conteúdo desfavorável ao governo, lá vinham aqueles blogs e revistinhas pagos com nosso dinheiro a gritar pelas redes: “Não confiem no que eles escrevem! É PIG! É PIG!”

O Brasil vive de silêncios formidáveis em sua memória, e o passado recente é de uma antiguidade matusalêmica. O que aconteceu na semana passada já vaga em degredo no rio do esquecimento, e basta um feriado para se enforcar uma denúncia, para definir uma nova afasia, para fundar uma nova pré-história e, assim sendo, enterrar mais um escândalo junto com os pterodátalos. Brasileiros, somos condenados a repetir com orgulho e convicção nossos mais grotescos erros, indefinidamente.

## É, rapá... não há estilo sem fracasso...

Com a extinção do *Saca-Rolha*, seguida pelo retumbante fracasso de vendas do *Acústico MTV* (que, apesar disso tudo, acabou por ganhar um surreal Grammy Latino de Melhor Disco de Rock do Ano), fui anexado quase por osmose à programação da MTV, com uma finalidade épica de tentar produzir um programa de bandas ao vivo, uma espécie de mini *Jools Holland* (um programa ao vivo com apresentação simultânea de oito artistas em cada palco, há mais de vinte anos no ar na BBC). Queria, com essa empreitada, dar continuidade ao trabalho hercúleo de lançar artistas novos na revista *Outracoisa*.

Nossa versão, um pouco mais humilde, haveria de ter apenas dois palcos com dois convidados por noite, que tocariam os respectivos repertórios no transcorrer dos blocos, com direito a uma *jam session* comigo no final.

Apesar da excelência das bandas e da qualidade do programa, a audiência era pífia, e, após uma temporada, não voltou ao ar no ano seguinte.

Mesmo com o fracasso desse projeto, a emissora estava muito empolgada com minha desenvoltura de apresentador, e acabei substituindo o Cazé no comando do *Debate MTV*, programa que permaneceria no ar pelos quatro anos seguintes, obtendo bastante sucesso. Por sinal, seria num *Debate MTV*, por volta de 2008/2009, que travaria, de forma um tanto inesperada, meu primeiro contato pessoal com o então deputado federal Jair Bolsonaro, um dos convidados da mesa daquela noite.

Estava na sala de maquiagem, de cara para o espelho, com aquelas lâmpadas feéricas e tórridas a emoldurar suas bordas, sendo devidamente empastelado (eu sempre detestei esse ritual de TV), quando o deputado abre a porta que ficava atrás das cadeiras de maquiagem, aguça as narinas como quem está buscando apurar o olfato, me olha pelo espelho, sorri e manda algo como: “Puxa, Lobão,

tá todo perfumado! Que decepção! Mas isso não é coisa de roqueiro, rapaz! Roqueiro de verdade não toma banho! Roqueiro bom é roqueiro fedorento, talkei?!” (o “talkei” aqui é licença poética, talkei?). E desapareceu ágil e lépido pelo corredor, deixando ressoar uma rotunda gargalhada que atravessou todas as paredes da emissora.

É interessante constatar que, naquele período da nossa história, a oposição ao governo Lula era escassa, utópica, quase uma alucinação, e, por isso mesmo, nosso aguerrido Bolsonaro não era exceção à regra. Fazendo parte da base aliada do governo petista, apoiava com um entusiasmo inexplicável, inconcebível, um presidente já pública e notoriamente abandado.

Mesmo com seu senso de humor um tanto obtuso e inoportuno, dado a explosões efusivas de risos (gargalhava solitário da sua própria piada de mau gosto), Bolsonaro se mostrava um homem simpático, à sua maneira.

Não preciso evidenciar que o *Debate MTV* era um programa feito sob medida para causar controvérsias, reações apaixonadas, irracionais e produzir muitos insultos que já recebia de forma torrencial nas redes sociais, aumentando exponencialmente em volume, indignação e ofensa quando, em 2009, me alistei no Tuíte sob o codinome de @lobaoeletrico, e esse tal de Tuíte iria se transformar muito em breve num dos cenários mais eletrizantes do pedaço.

## **Por que Lobão Elétrico? Por quê?**

Por sinal, muita gente não sabe por que adotei Lobão Elétrico, mas eu explico.

Na época, ainda tentava me livrar dos shows acústicos (repito mais uma vez: acústico no Brasil tem um apelo quase mórbido). E a Regina passou a anunciar o novo show, já com a nova banda (André Caccia Bava na guitarra, Dudinha no baixo e Armando Cardoso na bateria), sob o título de Lobão Elétrico. Daí @lobaoeletrico, que acabou colando até os dias de hoje.

Outro detalhe interessante foi ter ganhado “de presente” a inscrição no Tuíteer através da boa vontade de uma amiga da Regina, e, quando realmente comecei a usar a plataforma, já havia mais de três mil seguidores na minha página.

Com as primeiras explicações e adendos devidamente anexados e esmiuçados, vamos às novas aventuras desses últimos e feéricos dez anos.

# Capítulo 1

## 2010 | *50 anos a mil* é um best-seller!

Copyrighted image deixar claro que muitos dos episódios que serão neste livro estão espalhados pelos meus livros subsequentes ao *50 anos a mil: Manifesto do Nada na Terra do Nunca*, de 2013; *Em busca do rigor e a misericórdia*, de 2015; e *Guia politicamente incorreto dos anos 80 pelo rock*, de 2016. Aqui tentarei expô-los sob uma nova luz, com um viés mais esclarecedor e complementar.

Por volta de 2007, portanto um pouco antes de nos mudarmos para São Paulo, recebi um convite inesperado de uma editora (a Nova Fronteira) para escrever um livro.

Seria um romance? Contos? Um ensaio? Que tal escrever uma autobiografia?

Sempre nutri o desejo de escrever um romance (e ainda nutro), e há quem diga que um autor que se preze não deve gastar seu arsenal de histórias e causos escrevendo sua biografia. Mas, mesmo assim, sabia de antemão que estava fadado a passar a limpo toda a minha história de vida, pois era uma questão de um velho compromisso comigo mesmo.

Com tantos acontecimentos para colocar em dia, acabei por negociar um estratégico e psicológico engavetamento mental desses dramas particulares até um determinado momento em que me considerasse com alguma estrutura emocional e psicológica para

confrontá-los e sublimá-los.

Portanto, esse convite me soou como um sinal muito claro de que estava mais do que na hora do meu reencontro com tudo aquilo. Sim, estava mais do que na hora de enfrentar todos aqueles fantasmas cara a cara e tentar entender de verdade o que se passou dentro de mim, o quanto aquilo tudo havia me afetado e como eu poderia sublimar aquelas perdas e traumas.

Mesmo assim, ao escolher escrever sobre minha vida, só iria realmente aquilatar a catarse que essa empreitada me exigiria quando terminasse de escrever a última página, e da última página para além. Quando o livro foi finalizado, me flagrei uma pessoa completamente diferente de quando iniciei sua escrita.

Encaro como uma dádiva ter percebido que escrever se revelara para mim um ritual de cura e amadurecimento, uma experiência tão densa e profunda que me perguntei como não havia iniciado esse processo antes. Mas tudo em seu tempo...

É muito curioso você estipular um roteiro, itens a serem relatados, intenções emocionais a serem ressaltadas, brasas puxadas para a nossa sardinha e verificar com espanto tudo isso se transformando, se desmoronando, sendo moldado por um impulso muito mais possante que qualquer planejamento ou intenção prévia: o clamor interno por verdade, por reconciliação com o passado, por perdão, por amor, e não por revanche, por rancor, por trauma ou por escárnio. Uma espécie de pacto inconsciente com o mito.

E essa “mágica” ocorre em todo o projeto literário (ou musical) em que me embrenho. A narrativa se impõe sobre minhas vontades. Ao escrever, organizo minhas ideias, pondero, discordo de mim mesmo, entro em crise, apago tudo, reescrevo até uma voz interior (ou também exterior?) me alertar de que posso prosseguir sereno, pois o livro já tem vida própria e, livre de mim, independe das minhas mesquinhas intenções pessoais.

Portanto, a tarefa de me defrontar com toda a minha memória frente a frente com a tela em branco do meu computador, e

transformá-la em relato vivo, foi um dos maiores desafios da vida.

Outro aspecto que me impressionou bastante foi a fluidez e a proficiência do texto. Acabei por escrever mais de novecentas páginas (963 páginas em Word, para ser preciso), sendo obrigado a amputar quase dois terços de seu conteúdo.

Foi assim que me descobri numa rotina diária de acordar de madrugada (umas quatro da manhã), trabalhar até a hora do almoço para terminar a maratona às seis da tarde. Esse tempo todo me rendia uma média de meio capítulo por dia, com direito a reler tudo depois do jantar e mostrar os esboços para Regina pacientemente dar seu aval.

Durante todo o período de feitura do livro, vivi sob um estado de catarse emocional profunda, sempre sujeito a crises de choro e gargalhadas homéricas, mas sempre com um sentimento de redenção, reconciliação, amor e euforia.

Conviver com a dor sem temê-la me fez muito bem.

Entretanto, apesar de toda aquela experiência abissal, não tinha a menor ideia de quão confessional, escancarado e despretensioso se revelaria o livro, e isso me deixaria imensamente recompensado.

Afinal de contas, lá estava eu, me flagrando em uma nova reinvenção de mim mesmo – agora como escritor, aprendendo a escrever com meu sangue para resgatar minha alma.

E, a partir daquele instante epifânico, jamais pararia de escrever (livros).

Todavia, nesse projeto de atualização em que me encontro, optei por escrever essa saga complementar pilotando uma bicicleta ergométrica. Portanto, para essa nova versão, decidi me impor um processo multifuncional em homenagem às minhas raízes baterísticas. Como disse antes, escrevo como se tocasse bateria. Meu organismo e minha mente atuam assim: escrevo as palavras que saem inexoravelmente “batucadas” de meu cérebro.

Entre minha saída da MTV e o lançamento do *50 anos a mil* não houve praticamente nenhum intervalo. O livro superou todas as

minhas expectativas e foi recebido pela crítica e pelo público com efusão e carinho.

As vendas dispararam e a agenda da turnê pelo Brasil com palestras e noites de autógrafos aumentava a cada dia.

Fui prontamente convidado para participar de todos os programas de televisão, e, para minha surpresa, todos exalavam admiração e empatia pela minha história de vida (alguns, mais comovidos, me chamavam até Xurupito), assim como também pelo estilo peculiar da minha forma de escrever.

Por um breve momento, parecia que eu era o fofinho da vez. Mas essa “fofura” não duraria muito.

## **Lobãozinho, o inimigo público número 1 da esquerda**

Posso traçar claramente uma fronteira entre a “fofura” e a indignação, entre uma razoável aceitação da minha pessoa (inédita até então!) para o início de uma guerra histórica declarada pela esquerda, por encargo de um episódio que ocorreu numa palestra/show numa cidade no interior de São Paulo, para lançar o livro, ao me arvorar a comentar sobre a implementação da famigerada Comissão da Verdade.

Percebendo um critério dúbio dessa tal comissão, exibi à plateia que me assistia toda sua assimetria ética, a disparidade de pesos e medidas arbitrados em julgar crimes hediondos e o inevitável impulso de retaliação do adversário quando se obtém o poder.

Para ser mais pedagógico (e provocador), urdi uma espécie de parábola (anti)ética, exibindo um padrão descabido dessa tal comissão ao omitir de sua cruzada contra crimes hediondos da época da ditadura fatos como sequestrar aviões e levá-los para Cuba, esquartejar jovens indefesos no Araguaia, desfigurar reféns amarrados a coronhadas, explodir inocentes em aeroportos, esmigalhar miolos de alvos equivocados, para, em seguida, condenar apenas os casos de torturas nos calabouços do Dops e congêneres.

Após essa explanação, concluí o raciocínio afirmando que, para aquela comissão, ao ter complacência com essas barbaridades perpetradas pela esquerda, seria simétrico indulgir “as unhazinhas arrancadas” nos calabouços da ditadura. As “unhazinhas” foram a senha.

Quero deixar claro aqui que, ao cometer essa provocação consciente, despertaria a indignação (unilateral e despropositada) da esquerda, e, apesar dos desconfortos causados pelos vitupérios e protestos escandalizados, essa situação foi engendrada a título de desmascaramento dessas ações assimétricas desses falsos moralistas de plantão (por sinal, a direita os tem na mesmíssima proporção).

### **Seria eu... um médium?**

Após a efêmera lua de mel durante a qual desfrutei dessa efusiva simpatia de público e crítica (o livro foi até nominado para o Prêmio Jabuti!), alguns setores dessa imprensa ideológica incipiente começaram a reagir furibundamente à minha magnética pessoa e passaram a arquitetar as mais variadas formas de tentativas (sempre vãs) de assassinato da minha reputação (que nunca foi lá essas coisas, diga-se de passagem). Não raro retiravam de forma bastante reprovável e fora dos contextos minhas confissões e narrativas descritas no meu próprio livro (a direita bolsolavista iria cometer essas mesmas ações em um futuro próximo).

Em outras palavras: eles pinçavam um fato, um caso, um episódio, que eu mesmo havia descrito em detalhes no livro, e anunciavam como se aquilo fosse uma denúncia de um segredo guardado a sete chaves!

Houve até um “psiquiatra” a me diagnosticar com sérios problemas mentais, numa efervescente delinquência profissional, simplesmente porque “interpretou” publicamente alguns parágrafos arrancados à revelia do meu livro, no prometeico intuito de despotencializar qualquer opinião que eu (um reacionário a ser desmascarado) viesse a emitir.

Mal poderiam prever que eu me tornaria uma espécie de xodó da Associação Brasileira de Psiquiatria.

Os blogs socialistas, que começavam a pipocar com mais evidência em virtude de um patrocínio momesco do governo gerado pelo nosso suado dinheirinho, iniciariam uma maratona interminável de escaramuças cafonérrimas (a covardia, via de regra, é bastante cafona), tentando, assim, me imputar uma aura que variava entre um débil mental e um reacionário de carteirinha, entre um lesado cerebral por causa do uso de drogas e um palhaço querendo mídia, entre um suposto filho de militar (o que é retumbante mentira) e um branquelo classe média de origem... holandesa(!).

Inventaram que meu pai tinha sido general, que eu havia comido minha mãe, que roubara para adquirir substâncias estupefacientes, que não passava de um roqueiro (uma ofensa em si) fracassado (um adorno redundante), de um músico falido e que, de forma alguma, teria eu condição intelectual de escrever meu próprio livro.

Passaram, então, a fomentar um boato esquisito que, de fato, não teria sido eu que escrevera minha autobiografia.

Por sinal, o Brasil é o país do silêncio ao elogio, assim como o da ofensa caluniosa ao adversário. Debates civilizados entre antagonistas ainda se constituem numa verdadeira utopia.

Se você é amigo, é um gênio; se vira adversário, então passa a ser, no mesmo instante, um farsante, um charlatão. Os argumentos? Que argumentos? O foco é desmilinguir o adversário com fofocas.

## **50 anos a mil vai virar filme?**

Devido ao grande sucesso e à magnificente repercussão do livro, o produtor cinematográfico Rodrigo Teixeira me contatou querendo comprar os direitos para a produção de um filme.

Apesar de não ser muito entusiasmado com a possibilidade de minha vida virar um filme – por acreditar que seria muito difícil, naquele curto espaço de tempo de uma ou duas horas, passar a mesma

intensidade do livro –, percebendo o entusiasmo do Rodrigo e sua disposição em fazer um filme bem-cuidado, acabei topando.

A produção seria agendada para estar em todos os cinemas até 2013 e seria, de uma forma ou de outra, a reiteração incontestável do sucesso do livro.

Portanto, Rodrigo sairia a campo procurando nomes para a direção e o elenco. E eu curiosíssimo para ver quem entraria naquela aventura.

## Capítulo 2

### 2010 | Inspiração pós-parto

**U**ma coisa é necessário frisar: muito embora obrigado a conviver diariamente com aquelas fofocas e lorotas movidas a ódio ideológico, nada disso diminuía a intensidade e a beleza da minha vida interior, agora amplamente magnificada pela recém-finalizada maratona literária, responsável por acionar minhas memórias emocionais, me levando a estados, vamos dizer assim, de arrebatamentos metafísicos.

Ainda não aquilatara o quanto minha estrutura havia sido revirada, alterada e reelaborada após o término do livro, até que, uns dias após a entrega do texto final, fui fazer uma visita de despedida ao meu querido amigo e guru psicodélico Ezequiel Neves, que viria a nos deixar muito em breve. E, com aquela visita, se abateria sobre mim um espírito de contemplação, tristeza e perda a invadir minha alma.

Já sabendo de antemão que não poderia alterar mais nada em relação ao livro, percebi que estava entrando em fase de composição. Alguma coisa me gritava por uma canção de “aproximação” com meus amigos que se foram. E foi justamente ao saber da morte de Ezequiel que esse dispositivo de “aproximação” foi acionado.

Escrever sobre os acontecimentos da minha vida me trouxe à tona uma série de emoções fortes em relação aos meus amigos queridos; muitas saudades, muito amor, muita cumplicidade, e foi assim que nasceu minha primeira canção escrita em São Paulo, sob o impacto da escrita do meu primeiro livro e de todas as minhas memórias: “Das tripas coração”.

Ela nasceu numa manhã ensolarada, quando soube da morte do Ezequiel, e deve ter me custado algumas horas entre o violão, a guitarra, a caneta e o caderno. Comecei a compor na guitarra, mas, como estava muito cedo, mudei para o violão por causa do barulho.

É uma canção bastante simples, cuja feitura foi engendrada na forma de compor mais rara para mim: a letra e a música saíram ao mesmo tempo, uma ideia musical complementando a ideia do texto. Ora a letra sugerindo os acordes, ora a melodia sugerindo uma frase.

Uma catarse nascida de outra catarse. Uma canção nascida de uma história colocada num livro.

Uma satisfação imensa me invadiu quando executei pela primeira vez aquela canção, uma espécie de inconsciência me dizia que aquilo era a felicidade. Aquele momento resgatado de tanto sofrimento era a felicidade!

E, assim, em mais um rito de passagem, em meio a uma constelação de afetos conflitantes, eu também me ensinava a usufruir a felicidade através da exploração e da experiência.

A saudade e a vontade de estar com meus amigos, de me aproximar de meus amigos Júlio Barroso, Cazuzza e Ezequiel, me trouxe momentos poderosos de aproximação e felicidade.

Esse momento tão especial que me concedeu parir “Das tripas coração”.

E “Das tripas coração” é dedicada a esses três amigos.

Ainda deu tempo de inserir a letra no livro e decretar que ela se tornasse uma espécie de prólogo musical da minha biografia.

### **Das tripas coração**

*Quem foi que disse a você, quero saber,  
Que perder é o mesmo que esperar?  
Quero saber quem é que vai ficar tranquilo, perdido  
na beira do abismo, sangrando?  
E se você pudesse ter alguém, de joelhos aos teus pés  
A pedir o teu sinal,*

*Sussurrando todo o seu calor na tua orelha,  
Procurando por uma palavra que não fosse em vão,  
Que fizesse você compreender...  
Que eu abandono meu lugar  
Rasgando as veias,  
Derramando meu amor  
Pelas areias.  
Anuncia um lindo sol radiante:  
A última alvorada em teu semblante,  
E na perfeição de um céu sem sombras  
A gente vai se encontrar.  
E das tripas coração... mais uma tarde  
Pra levar o meu amor pra eternidade.  
Meu amigo, por favor me aguarde, que a gente vai se encontrar.  
Quem é que vai zombar desse deus trapaceiro nesse Rio de Janeiro?  
Quem é que vai anunciar a próxima atração?  
E uivar pra lua cheia  
A gargalhar dos tormentos do mundo?  
Quem é que vai ficar sorrindo,  
jogando palavras ao mar,  
Vendo a terra toda estremecer?  
Quero saber quem é que vai guardar  
Toda essa dor  
De ficar,  
sozinho, no convés, sem a tripulação?  
Sou eu...  
Que abandono meu lugar rasgando as veias,  
Derramando o meu amor pelas areias.  
Anuncia um lindo sol radiante:  
A última alvorada em teu semblante,  
E na perfeição de um céu sem sombras  
A gente vai se encontrar.  
E das tripas coração... mais uma tarde  
Pra levar o meu amor pra eternidade.  
Meu amigo, por favor me aguarde, que a gente vai se encontrar.  
Que a gente vai se encontrar.*

Movido àquela alegria, ao acabar de compor um prólogo musical

para o livro, me convenci a compor um epílogo musical, um tributo à nossa chegada a São Paulo. Uma canção que resumisse toda a nossa alegria, somada à minha vontade de acreditar que a cidade ainda respirava rock, vida noturna, movimento, ação!

Como já estava havia alguns anos trabalhando e habitando a cidade, tinha uma noção mais cética de que a cena cultural já não se comparava aos idos dos anos 1970, com aquela vibrante atmosfera psicodélica de rock em todos os cantos, a rua Augusta, a Pompeia, a Cantareira, as bandas pululando por todos os lados, Os Mutantes, Tutti Frutti, Som Nosso de Cada Dia, Quarto Crescente, Scaladacida...

Uma atmosfera de empobrecimento conceitual/comportamental se abatia sobre a noite, embora muitas bandas de todo o país ainda optassem por vir morar e atuar na cidade. Bandas como a gaúcha Cachorro Grande, o Vanguard, de Mato Grosso, a Pitty, da Bahia, e outros tantos davam ainda uma sensação de esperança de que um movimento mais relevante poderia acontecer dessa cena.

E essa espécie de *wishful thinking* poliânico ainda perseverava teimosamente pelos nossos primeiros anos de adotados paulistanos, quando frequentávamos assiduamente a Augusta, zanzando de bar em bar, de show em show, onde podíamos nos divertir, beber, trocar ideias com os amigos, apesar da nítida dispersão de foco e de vontade de fazer a coisa acontecer. Não percebíamos que vivíamos uma transformação cultural, uma mudança de paradigma comportamental e político.

O rock naquele momento não era mais uma opção.

E foi nessa zona fronteira, entre a vontade de inaugurar novas eras e a realidade triste da perda de força de uma cultura, que acabei por compor “Song for Sampa” como se fosse uma espécie de visita da saúde a um moribundo.

E de um adeus travestido de chegada nasceu o epílogo dessa primeira parte da bio.